

Distribuição  
gratuita aos  
associados

**NÚMERO  
DEZASSEIS  
JAN/MAR  
2011**

# SBC

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO



## Revista de Informação



### Um Sindicato com

### 76 anos de história

Dia 14 de Abril vamos confirmá-lo

### VOTE





## COIMBRA

Av. Fernão de Magalhães, 476 – Apartado 404  
3001-958 COIMBRA  
Tel.: 239854880 • Fax: 239854889

### DEPARTAMENTO DE TEMPOS LIVRES

Dep. e Gab. de Apoio aos Tempos Livres  
Av. Fernão de Magalhães, 476 – Apartado 404  
3001-958 COIMBRA  
Tel.: 239854880 • Fax: 239854886  
E-mail. tempos.livres@sibace.pt

**Gab. do Desporto / Clube do Bancário**  
Rua Lourenço Almeida Azevedo, 17  
3000-250 COIMBRA  
Tel.: 239852340; Fax: 239852349  
desporto@sibace.pt

**SECRETARIADO REGIONAL DE COIMBRA**  
Tel./Fax: 239821935

**COMISSÃO DE REFORMADOS**  
Rua Lourenço Almeida Azevedo, 17  
3000-250 COIMBRA  
comissao.reformados@sibace.pt  
Tel.: 918167510 | 239852340



## CALDAS DA RAINHA

Rua da Caridade, 17 - 1º Dtº  
2500-141 CALDAS DA RAINHA

### POSTO CLÍNICO:

Tel.: 262840020 • Fax: 262840029

sams-caldas@sibace.pt



## FIGUEIRA DA FOZ

Rua da Guiné, 57  
3080-034 FIGUEIRA DA FOZ

### POSTO CLÍNICO:

Tel.: 233407310 • Fax: 233407319

sams-figueira@sibace.pt



## GUARDA

Lg. de S. Francisco, 6º Piso - 1º B  
6300-754 GUARDA

### POSTO CLÍNICO:

Tel.: 271220450 • Fax: 271220455

sams-guarda@sibace.pt

**SECRETARIADO REGIONAL DA GUARDA**  
Tel.: 271222016



## LEIRIA

Rua Dr. José Henrique Vareda, 27 - 1º  
2410-122 LEIRIA

### POSTO CLÍNICO:

Tel.: 244820080/90 • Fax: 244820091

sams-leiria@sibace.pt

**SECRETARIADO REGIONAL DE LEIRIA**  
Tel.: 244822743



## UISEU

Rua Nossa Senhora de Fátima, 11  
3510-094 VISEU

### POSTO CLÍNICO:

Tel.: 232430670 • Fax: 232430679

sams-viseu@sibace.pt

**SECRETARIADO REGIONAL DE VISEU**  
Tel.: 232425033

# DESTAQUES

<b>Entrevista ao Presidente do SBC</b>	<b>pág. 6 a 11</b>
<b>Seminário Primeiro Emprego</b>	<b>pág. 12 a 13</b>
<b>Conferência da UNI Finanças</b>	<b>pág. 15 a 17</b>
<b>FEBASE avança com acções judiciais contra cortes salariais</b>	<b>pág. 22</b>
<b>Torneio Nacional Interbancário de Ténis</b>	<b>pág. 23</b>
<b>Cultura</b>	<b>pág. 24 a 31</b>

## ÍNDICE

<b>Editorial</b>	<b>pág. 4</b>	<b>Contratação</b>	<b>pág. 22</b>
<b>Mensagem do Presidente</b>	<b>pág. 5</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Instituições de Crédito recusam aumento salarial em 2011;</li><li>• FEBASE avança com acções judiciais contra corte salariais.</li></ul>	
<b>Sindical</b>	<b>pág. 6 a 14</b>	<b>Departamento de Tempos Livres</b>	<b>pág. 23</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrevista;</li><li>• Seminário - 1º Emprego, expectativas e frustrações;</li><li>• FEBASE promove Concurso de Fotografia.</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Torneio Nacional Interbancário de Ténis;</li><li>• Cruzeiro no Mediterrâneo.</li></ul>	
<b>Internacional</b>	<b>pág. 15 a 17</b>	<b>Cultura</b>	<b>pág. 24 a 31</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Conferência da UNI Europa Finance e Uni Finanças</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Conferência - Os Símbolos da República;</li><li>• Religiosidade Popular;</li><li>• Inês de Castro - Flor do Verde Ramo;</li><li>• D. Afonso Henriques nasceu em Viseu;</li><li>• Sonhando;</li><li>• Numária - Cinco Escudos.</li></ul>	
<b>Formação</b>	<b>pág. 18</b>		
<ul style="list-style-type: none"><li>• Coimbra e Caldas da Rainha vão ter Cursos de Língua Espanhola;</li><li>• Biblioteca.</li></ul>			
<b>Sams</b>	<b>pág. 19 a 21</b>		
<ul style="list-style-type: none"><li>• É preciso garantir o futuro;</li><li>• Declaração anual com a saúde;</li><li>• Actualização de ficheiro de Sócios/Beneficiários;</li><li>• Documentos de despesas de saúde;</li><li>• Extinção do Protocolo com o Ministério da Saúde.</li></ul>			

## FICHA TÉCNICA

### Propriedade

Sindicato dos Bancários do Centro  
Av. Fernão de Magalhães, 476  
3001-958 Coimbra  
www.sibace.pt

Tel. 239 854 880 Fax: 239 854 889  
informação@sibace.pt

### Director e Editor

António Sequeira Mendes

### Sub-Director

João Antunes

### Conselho Editorial

Aníbal Ribeiro  
Carlos Silva  
Francisco Carapinha  
Freitas Simões

### Fotografia

SBC  
João Antunes

### Colaboradores

A. Castelo Banco,  
Álvaro Ribeiro,  
Carlos Silva,  
Isabel Rocha,  
João Antunes,  
Luís Tudella,  
Paulino Mota Tavares,  
Agostinho Torres de Almeida,  
Sequeira Mendes

### Composição Gráfica

Centro Gráfico do SBC  
Av. Fernão de Magalhães, 476  
3001-958 Coimbra  
www.sibace.pt

Telef.: 239 854 880

### Depósito Legal

260437/07

### Tiragem Bimestral

6500 exemplares

Distribuição gratuita aos associados

### Na capa:

Eleições dia 14 de Abril de  
2011 para o quadriénio de  
2011/2015





## Negociação e bom senso

***“[...] Nesta hora de negociação de novas tabelas salariais é de recordar aos bancos que existe da sua parte grande margem de manobra, pois, nos resultados amplamente difundidos do último trimestre cabem bem as nossas aspirações, que diga-se, como entidades responsáveis que somos, não vamos nem devemos inflacionar. [...]”***

Conjuntamente com o ataque neoliberal, principalmente a partir da década de 80, ou por via dele, emergiu nas sociedades a ideia que os sindicatos constituem um factor negativo e relutante à mudança, pois esses arautos teimavam em ver os sindicatos agarrados às suas posições antigas e às suas conquistas, considerando-os inaptos e sem capacidade de absorver as novas mutações decorrentes das relações do trabalho.

Os sindicatos continuam a ser entidades vivas e com uma grande capacidade de adaptação às mudanças, quer elas sejam de carácter tecnológico ou organizacional. Isto implica, também, que os sindicatos, a par da defesa intransigente de um conjunto de direitos solidamente adquiridos, nomeadamente o direito à contratação, o direito à greve, o direito à manifestação e/ou outro qualquer meio ou campanha ofensiva, elejam, também, uma estratégia pró-activa, que seja capaz de reforçar não só o seu poder institucional como também o seu poder de mobilização, o seu poder de resposta à globalização e seus efeitos e enquadrar-se nos movimentos sociais, quer sejam locais, regionais, nacionais ou transnacionais.

A esta capacidade de adaptação dos sindicatos surgem as experiências de concertação social positiva. Nesta hora de negociação de novas tabelas salariais é de recordar aos bancos que existe da sua parte grande margem de manobra, pois, nos resultados amplamente difundidos do último trimestre cabem bem as nossas aspirações, que diga-se, como entidades responsáveis que somos, não vamos nem devemos inflacionar.

Em 2010, mau grado a extensão da crise que afectou Portugal e toda a Europa e de forma mais acentuada a população trabalhadora, constata-se que os quatro principais bancos portugueses, a saber, BCP, BES, BPI e BST, anunciaram aos quatro ventos os seus chorudos lucros. Foram nada mais nada menos que 1,5 mil milhões de euros (depois de retirados os impostos) os lucros que aquelas quatro entidades bancárias lucraram no ano transacto, quando em 2009 os seus lucros foram

praticamente os mesmos, o que equivale a dizer que lucraram 3,9 milhões de euros por dia.

A negociação colectiva constitui a forma por excelência de expressão da autonomia dos parceiros sociais e a mais importante via pela qual estabelecem, conjuntamente, regras que condicionam as relações de trabalho e a concorrência entre as empresas.

Esta situação merece uma profunda reflexão, já que mais não seja porque nos encontramos em plena negociação, como atrás refiro, das tabelas salariais para o presente ano e encontramos-nos confrontados com o habitual panorama, isto é, a resposta dos bancos é de aumento zero.

Os sindicatos devem dar o sinal de que não estão satisfeitos com as respostas dos bancos. Devem recordar-lhes que já no ano transacto houve perda real da capacidade de compra dos bancários na ordem de 0,4%. Devem recordar-lhes que o Boletim de Inverno do Banco de Portugal aponta como valor de inflação para 2011, 2,7%. Devem recordar-lhes a função social que lhes incumbe assumir perante os seus colaboradores. Devem recordar-lhes que não é legítimos apropriarem-se, exclusivamente, dos ganhos de produtividade do sector.

Finalmente, os nossos negociadores devem recordar-lhes que os bancos serão os responsáveis pelas consequências que a sua posição intransigente pode provocar e que terão que carregar com o ónus social da sua intransigência.

Sequeira Mendes

## MENSAGEM DO PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO

carlos.silva@sibace.pt



## Votar um direito e um dever

No próximo dia 14 de Abril os bancários do nosso Sindicato vão às urnas, para escolherem os Órgãos Sociais que irão dirigir os destinos do SBC para os próximos quatro anos (2011-2015).

Votar é um direito conquistado com o regime democrático e constitui um acto de cidadania e de liberdade. Por isso, é também um dever cívico. Não importa se estamos perante um cenário de lista única, importa, isso sim, é a participação livre e interessada dos associados do SBC na escolha dos seus representantes para liderar uma das mais importantes associações sindicais do país e da UGT. A legitimidade advinda de uma forte participação, reforça a motivação dos eleitos, quaisquer que eles sejam.

Por isso, Caras e Caros consóci(a)os, no próximo dia 14 de Abril, exerçam o vosso direito de voto. O nosso sindicato merece-o ao fim de setenta e seis anos de existência comemorados já no passado mês de Fevereiro.

As eleições do SBC decorrem na mesma data em que o nosso congénere SBSI também vai às urnas, este que é o maior sindicato português e um verdadeiro exemplo de democracia sindical participativa e exigente – com o seu presente e, honra seja feita aos seus associados, com o seu passado, de que nos podemos todos orgulhar, enquanto bancários e cidadãos. Desejo igualmente, com toda a fraternidade, que o acto eleitoral do SBSI decorra num clima de tranquilidade e forte participação cívica dos seus associados,

forma de reforçar a nossa capacidade organizativa e reivindicativa no seio da FEBASE e na UGT, organizações de que os nossos sindicatos, juntamente com o SBN, são fundadores e de onde lhes advém uma enorme responsabilidade. Os actos eleitorais de 14 de Abril nos dois sindicatos dos bancários decorrem num clima nacional de grande tensão, fruto da crise política motivada pela rejeição na Assembleia da República do PEC IV apresentado pelo Governo, que levou à demissão do Primeiro-Ministro e à convocação de eleições legislativas antecipadas. Aliada à crise financeira que o País atravessa, com enormes sacrifícios para os portugueses, esta é uma época em que os trabalhadores mais precisam de unidade e coesão em redor dos seus sindicatos, que são, em época de convulsões sociais, das entidades de quem mais se espera solidariedade e apoio nos conflitos laborais, decorrentes das medidas restritivas impostas pelos governantes.

Mas importa salientar que o descrédito em que a classe política está mergulhada aos olhos da opinião pública, deveria levar os partidos políticos e os seus líderes a inferir que o País precisa do contributo de todos, ou seja, ninguém é dispensável na procura de soluções para ultrapassar o gravíssimo momento nacional.

Um entendimento político entre os partidos com assento parlamentar, seja pré-eleitoral (dificilmente aceitável por alguns líderes) ou pós-eleitoral, exige-se como única tábua de salvação para mantermos a nossa dignidade nacional enquanto Nação soberana com quase novecentos anos de história Pátria.

Portugal, de bom aluno, passou a sofrível, se atendermos às notações das agências de “rating”. E a UE não aceita continuar a subsidiar um Estado que não consegue controlar as suas despesas – um Estado glutão e despesista, designadamente ao nível dos altos quadros da Administração

Pública e do sector empresarial do Estado.

Haja coragem política para afrontar os “barões” que consomem o orçamento público.

A UGT e os seus sindicatos têm dado sinais de abertura na procura de soluções que minimizem as dificuldades impostas aos trabalhadores portugueses por fortes medidas de austeridade – que todos sabemos são “sugeridas” ao país pelos Estados que mais contribuem financeiramente para as despesas da União Europeia (ex. Alemanha).

O acordo de concertação social assinado pela UGT na véspera da queda do Governo é disso bem exemplo.

Outros há que defendem o “quanto pior, melhor”. Não é essa a nossa matriz sindical. Mesmo que outros vociferem contra a nossa forma de actuar, o primado do diálogo social e da concertação são imagem de marca da UGT, de que não podemos alhearnos num momento em que se exige disponibilidade dos parceiros sociais para a celebração de compromissos.

Num momento tão crítico para Portugal e para os portugueses, sobretudo para os trabalhadores e para quem mais precisa e menos tem, importa mantermos o essencial da nossa acção e da nossa luta – pugnar por sindicatos fortes, como caminho de manutenção e consolidação da estabilidade social e prestação de serviços de qualidade aos nossos associados.

Não podemos cair na eterna e tão portuguesa vitimização e na lamúria. Há que olhar para cima e para a frente. O caminho faz-se caminhando e, no seu percurso, encontraremos o múnus da nossa sobrevivência e da nossa vitória sobre estes momentos tão nefastos das nossas vidas.

**Juntos, vamos conseguir.**

Carlos Silva

## Entrevista



**Carlos Silva, presidente da direção do Sindicato dos Bancários do Centro**

### **“Proximidade do sindicato junto dos trabalhadores não tem paralelo”**

**E**m final de mandato, o Presidente da Direção do SBC faz um balanço positivo dos últimos quatro anos. A criação da FEBASE, o acordo tripartido para a Segurança Social e as comemorações dos 75 anos foram os momentos marcantes num caminho ao longo do qual o Sindicato se tem afirmado e destacado a nível nacional.

#### **Que balanço faz deste mandato?**

Há um facto que importa salientar: O trabalho desta Direção, nestes quatro anos, chegou ao conhecimento dos associados. A sua grande participação em todas as iniciativas que o Sindicato levou a efeito, o carinho que se fez sentir em muitas das nossas atividades, o desempenho dos nossos serviços, o chegarmos mais longe, a consolidação do sindicato, o enriquecimento e crescimento do património são, efetivamente, uma imagem de marca destes quatro anos, que fica para o futuro. Não tenho dúvida nenhuma que, em termos de retrospectiva, é um mandato que é muito positivo.

#### **Os associados estão hoje mais próximos do Sindicato?**



Os associados sempre estiveram próximos do Sindicato. Quem estava longe dos associados eram os dirigentes sindicais. Hoje, estou plenamente convencido que esta Direção atingiu um patamar de proximidade junto dos associados que não tem paralelo no passado (pelo



***“[...] Foi uma luta de 60 anos, que, felizmente, foi atingida neste nosso mandato e à qual tivemos capacidade de resposta, em unidade com os outros dois sindicatos do setor: SBSI e SBN. [...]”***

menos nos últimos vinte e cinco anos) nem junto de muitas outras associações sindicais do país. O SBC é um exemplo de proximidade e de relações frutuosas com os seus associados no local de trabalho.

### **Está, por isso, mais forte?**

O Sindicato está, por isso, mais forte. Um sindicato só pode ser forte, ter capacidade reivindicativa, e os seus dirigentes sentirem que estão a ir ao encontro dos seus associados, se perceberem que a sua mensagem é captada, tratada e maturada pelos seus associados. Nós só temos hipóteses de ter esta informação por uma via: pela proximidade, contacto diário e permanente com os sócios do sindicato.

**Apesar de tudo, foi um período difícil, em que a crise poderá ter feito com que mais pessoas recorressem ao sindicato. O Sindicato tem estado presente.**

Temos aqui uma situação ambígua. Há muitos associados a recorrer ao Sindicato, não tanto por causa da crise, porque, felizmente, a crise – tirando a questão dos impostos à qual todos estamos sujeitos – ainda não afetou os postos de trabalho e os vínculos laborais no setor. Onde temos notado que o Sindicato tem outra postura e tem mais força é no crescimento do número de adesões de trabalhadores bancários, inclusivamente vindos de outros sindicatos para o SBC. Mas existe o paradoxo: é que, sobretudo os jovens trabalhadores bancários, muitos deles com contratos a prazo, se tiverem de prescindir, em momento de crise, no seu orçamento, de uma determinada fatia, a primeira que têm escolhido é a quota do sindicato. Isso é uma questão



que, lamentavelmente, temos registado, ainda que de uma forma pouco substancial.



### **Quais foram os momentos mais marcantes deste mandato?**

Há vários. Politicamente, o momento mais marcante foi a assinatura dos primeiro e segundo acordos tripartidos da Segurança Social com o Governo e a Associação Portuguesa de Bancos. Foi uma luta de 60 anos, que, felizmente, foi atingida neste nosso mandato e à qual tivemos capacidade de resposta, em unidade com os outros dois Sindicatos do setor: SBSI e SBN. Sindicalmente falando, há dois grandes momentos. Por um lado, a criação da FEBASE, que era também uma luta antiga e que foi conseguida no nosso mandato; por outro, um momento de afetos e memórias que nos apraz registar, que foi a passagem dos 75 anos do SBC, que decorreu com muita dignidade e que envolveu centenas de associados ao longo do ano de 2010 e que culminou na sessão solene de 20 de novembro.



### Há alguma coisa que fica por fazer?

Sim. Há coisas que gostaria de ter feito. Gostaria de ter mais sócios. Os sindicatos só são fortes se tiverem a família que representam unida à sua volta. Ficou ainda por fazer o reforço claro e inequívoco da FEBASE. A nível interno, ficou por resolver a questão do terreno de Quiaios, que não conseguimos vender. Mas também não é algo que eu lamente em absoluto, porque o terreno está lá e tem o seu valor. Gostaria também de chegar a outros serviços, nomeadamente na área de prestação de serviços dos SAMS, designadamente melhores e mais elevadas participações aos nossos beneficiários. Esta é uma guerra, na verdadeira aceção da palavra, porque há sindicatos que andam no setor bancário, a que chamam sindicatos, mas que não se comportam como tal. São companhias de seguros de saúde, que vendem seguros de saúde, exclusivamente. Não fazem mais nada. Andam a reboque dos sindicatos verticais. Aliás, neste momento de crise, verifica-se que não existe uma palavra em relação aos trabalhadores abrangidos pelas restrições do Orçamento de Estado (OE). Quando aparecem é no sentido de virem atrás daquilo que os sindicatos verticais dizem e fazem. Onde estão os dirigentes e activistas sindicais desses pseudosindicatos quando é mais sentida a necessidade da sua presença?



### O número de sócios aumentou?

Aumentou. Nós tínhamos 5.500 quando entrámos em 2007 e estamos próximos dos 6.000. Se contarmos que este crescimento incide numa zona do interior do país, que só tem agências (não tem edifícios sede), que houve uma enorme diminuição de trabalhadores vinculados aos bancos – centenas de trabalhadores jovens cujos contratos acabaram e não ficaram vinculados à banca – e a guerra permanente destes sindicatos, consideramos que foi excepcional.

### Os contratos a prazo são um dos grandes problemas do setor?

Os contratos a prazo são um dos grandes problemas da economia e de todos os setores de atividade. O setor bancário não é diferente. Felizmente, a Caixa Geral de Depósitos transmitiu-nos que efetiva todos os seus trabalhadores a prazo (salvo casos excecionais de não adaptação do trabalhador à instituição). Na



restante banca, temos assistido, dramaticamente, à não renovação dos contratos de trabalho, o que atira milhares de jovens para a rua, a nível nacional e, na nossa área sindical, são às centenas. Temos verificado isso ao longo destes quatro anos. Tínhamos 300 associados com vínculos precários e temos agora cerca de uma centena. É uma verdadeira chaga social, que urge combater. Sobretudo, neste setor.

### Fruto também dessas dificuldades que os jovens enfrentam, quase metade dos associados do Sindicato está na situação de reforma. Tem sido difícil a renovação?

Não. Felizmente continuamos com mais de três mil associados no ativo. Temos de ter presente que os sindicatos verticais dos bancários conservam os seus associados até à morte. São casos com pouca proliferação em toda a Europa. Normalmente, os trabalhadores quando passam à reforma deixam de ser sindicalizados. No nosso caso, tem a ver com os serviços de saúde. Nós temos assistência médica até à morte para o trabalhador, o cônjuge e o agregado familiar. É por isso que continuamos com muitos associados reformados. E também se verificou durante uns anos que o setor bancário, com a necessidade de renovar os seus quadros, procedeu a reformas antecipadas em grande número. Sobretudo no final dos anos 90 e princípio do

século XXI. Essa situação estagnou completamente nos últimos anos. Ao estagnar, o número de reformados está outra vez a entrar num nível de estabilidade normal para qualquer sindicato.

**Daí também a grande importância que o Sindicato atribui aos reformados, com a criação da Comissão de Reformados e atribuir-lhes, pela primeira vez, lugares no Conselho Geral.**

Exatamente. Esse foi um compromisso que esta direção



assumiu. Poder-se-á perguntar: Mas porquê só ao final de quatro anos, no final do mandato? Lembro que, no início do nosso mandato, procedemos à criação da Comissão Instaladora dos Reformados. Portanto, era um desejo nosso. Por outro lado, tivemos de ponderar, ao longo destes dois anos, se uma comissão de reformados deveria ser eleita ou nomeada. Chegámos à conclusão que há outra representatividade se os reformados se candidatarem de forma livre e autónoma, para que não se possa dizer que estão amarrados, controlados ou fiscalizados pela direção do sindicato. Não é isso que



se pretende. Se os associados entenderem que podem servir melhor, com um programa específico, os objetivos de uma Comissão de Reformados, devem candidatar-se e lançar as bases para a apresentação de um programa. Daí só em Janeiro termos tido a possibilidade de fazer a revisão estatutária e instituído formalmente a Comissão de Reformados.

**Para os reformados – e para todos os sócios – os serviços de assistência médica são uma das grandes vantagens do Sindicato.**

São a grande vantagem dos três sindicatos verticais do setor e da FEBASE. Nós temos procurado combater alguma demagogia que outros sindicatos fazem no setor. O que nós queremos transmitir aos trabalhadores é que se esses sindicatos fossem assim tão bons e as suas condições tão excecionais, não haveria lugar para a existência dos atuais sindicatos verticais. Éramos todos sócios desses sindicatos. Mas porque é que há milhares de homens e mulheres que não são sócios desses sindicatos? Por razões óbvias: um sindicato é uma associação de defesa dos interesses dos trabalhadores que representa. Não é só para vender seguros de saúde. É isso que fazem esses sindicatos. Não existem



na contratação coletiva, são sindicatos – alguns deles – defensores dos interesses dos patrões e das entidades patronais, não defendem os trabalhadores, não aparecem na primeira linha da defesa dos seus interesses. Mas estamos convencidos que há aqui uma particularidade. Há trabalhadores que gostam de determinados adjetivos na sua carreira. Qualquer jovem trabalhador que entra para uma empresa gosta de ser considerado e apelidado de “Quadro”. É uma coisa que lhes enche o ego. E há pessoas que são egocêntricas. O facto de serem um “Quadro” diz-lhes que já fazem parte da Direção da Empresa. E daí haver um sindicato – que se chama Sindicato dos Quadros – que representa os interesses das empresas. Mas essa, infelizmente, não é a melhor política e não é a política que serve os interesses dos trabalhadores. Só serve o interesse dos patrões e

daqueles que representam o interesse do patronato.

### Está a falar de que sindicatos?

Estou a falar do Sindicato dos Quadros, por exemplo. É um grande adversário do SBC e dos restantes sindicatos verticais, que se “matam” a desenvolver esforços para defender a contratação coletiva do setor, quando eles, a única coisa que fazem é morderem-nos os calcanhares, virem atrás de tudo o que de bom que nós fazemos e implementam só e exclusivamente serviços de saúde. Nós temos uma dupla atitude: não prescindindo de dar os melhores serviços de saúde, temos também de perceber que a contratação coletiva fica cara. E nós temos de alinhar na contratação coletiva e na defesa dos interesses dos nossos associados e, por acréscimo, de toda a classe.

### Além dos SAMS, o Sindicato tem diversas outras atividades.

Sim. Os Tempos Livres foram uma grande aposta; o desporto continua a ser uma realidade que mobiliza muita gente; o Encontro de Reformados tem sido um sucesso assinalável; a nível da cultura, estamos a avançar com a nossa biblioteca e espaço lúdico na Rua Lourenço de Almeida Azevedo; avançamos com a formação, que tem um caráter imperativo e prioritário na atividade do SBC, porque mobiliza centenas de trabalhadores para cursos de formação profissional que são uma mais-valia no enriquecimento curricular das competências dos trabalhadores. Excedeu completamente as nossas expectativas. De tal forma que nós reformulámos e reconvertimos algumas das nossas instalações em verdadeiros polos de formação. Em suma, o Sindicato espalha hoje a sua atividade por um conjunto enorme de valências. Para além de uma Associação Sindical, é também uma associação de cultura e de lazer, de formação e de actividade cívica.

### Quais são hoje as grandes vantagens de ser associado do SBC?

É um Sindicato na verdadeira aceção da palavra, com 75 anos. A nossa sindicalização não é feita por e-mail, por internet ou por telefone. É uma sindicalização de



proximidade. Ser sócio do SBC é a garantia inequívoca e incontornável de que os interesses daqueles que representamos são defendidos até à última gota do nosso suor. Esse é o nosso empenhamento.

### Os problemas que afetaram o Sindicato no passado estão resolvidos?

Sim. E para isso muito contribuíram as Comemorações dos 75 Anos, que promoveram a necessária fraternidade interna e a pacificação. Eu tomei posse dada por um funcionário judicial, em 2007, depois de um processo pós-eleitoral terrivelmente doloroso. E importou que



nestes quatro anos tivéssemos capacidade e condições para sarar feridas. As coisas não saram de um momento para outro, levaram o seu tempo, mas nós conseguimos ultrapassar, de uma forma digna para ambos os lados, com uma grande nobreza, este momento difícil do SBC. A sessão solene comemorativa dos 75 anos, com a presença de alguns dirigentes que viveram também este período conturbado, foi muito importante. Registei com agrado, nomeadamente, a presença de Osório Gomes e Teles Grilo, porque também nos ajudaram a mobilizar e mover vontades para se ultrapassar os problemas dos processos judiciais. Felizmente, essa questão ficou ultrapassada no dia 14 de Dezembro, num célebre Conselho Geral que teve lugar em Viseu, onde foram decididas as anulações de todos os processos judiciais em curso. Neste momento, na prática, já não



há processos e as fichas internas dos associados estão limpas, como era desejo nosso e do Conselho Geral.

### **A criação da FEBASE foi um momento importante?**

Foi. Por um lado, reforçou a ligação de 75 anos dos vários sindicatos em presença e veio dar outra dinâmica à contratação coletiva e ao tratamento de muitas outras matérias político-sindicais. Por outro lado, deu ao SBC a oportunidade de ser protagonista. O atual secretário-geral da FEBASE sou eu e o atual presidente da mesa do



Conselho Geral é o Mário Figueira. Hoje, o SBC tem um papel charneira na vida da Federação. Isso representa passarmos dos quase seis mil associados para uma dimensão de 80 mil. É algo inimaginável há anos atrás. O facto de estarmos na FEBASE, de nos conhecermos melhor, de negociarmos diretamente as mesmas matérias, gerou maior confiança entre os vários dirigentes das várias Direções. Isso teve um efeito catalizador e mobilizador no SBC. Em Novembro estive no Congresso Mundial da UNI e, pela primeira vez na história do SBC, um seu dirigente foi eleito para um cargo de nível mundial - o Comité Executivo Mundial da UNI. Até aqui, era sempre o Presidente do SBSI, o maior sindicato português, cuja Direcção deu o seu acordo para que, desta vez, fosse o Presidente do SBC. Para mim, isto

só tem uma leitura: o SBC adquiriu um protagonismo que no passado não tinha. Também dentro da UGT temos um papel charneira. É um envolvimento de uma forma tão aprofundada que o próprio Secretário-Geral e a Direcção têm reconhecido que o SBC é um dos pioneiros da defesa do sindicalismo democrático promovido pela UGT. É algo que me dá prazer referir e registar.

### **Vai recandidatar-se?**

Sim, vou.

### **Vai manter a mesma equipa?**

Costuma dizer-se que em equipa que ganha não se mexe. É por isso minha intenção, bem como da liderança da Tendência Sindical Socialista, manter no essencial a mesma espinha dorsal da equipa que vem dirigindo os destinos do SBC desde 2007.

### **Gostava que houvesse uma lista contrária?**

A democracia permite a cada associado exercer os seus direitos e deveres de cidadania. Para um Sindicato que é plural e abrangente, é importante darem-se sinais de partilha de objectivos, isto no tocante a podermos sentir como “nosso” o Sindicato, os seus problemas, objectivos sociais e políticos, embora com respeito pelas eventuais divergências de pessoas e de programas.

Daí que enriqueça a democracia e o acto eleitoral de qualquer Instituição democrática o debate das ideias quanto ao presente e ao futuro que é comum aos seus actores. Penso que seria importante a existência de uma pluralidade de programas, que permitisse aos associados exercer os seus juízos de comparação e optarem por aquilo que lhes oferecesse maior garantia de exequibilidade e estabilidade.



## Seminário

### Primeiro emprego: expectativas e frustrações



**Perante uma plateia com mais de 100 pessoas, a UGT/Coimbra debateu as expectativas e as frustrações do primeiro emprego**

O Secretário-Geral da União Geral dos Trabalhadores (UGT) defendeu, em Coimbra, o reforço do papel dos Centros de Emprego públicos no ajustamento entre a oferta e a procura de trabalho. “Cada vez mais os centros de emprego públicos têm de dar respostas de ajustamento entre a oferta e a procura”, afirmou. João Proença intervinha no seminário “Primeiro Emprego, Expectativas e Frustrações”, que decorreu sob iniciativa da UGT - Coimbra e do Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social (IPCDVS) da Universidade de Coimbra.

Na sua ótica, deve ser “reforçado o papel” destas estruturas “para que os desempregados sintam que não estão abandonados, que os centros de emprego os podem ajudar” na sua colocação. “Os Centros de Emprego têm de ter as ofertas das empresas e antecipar

as necessidades para ir preparando a resposta”, frisou ainda o líder da UGT.

Ao intervir no seminário, Eduardo Santos, coordenador científico do IPCDVS da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, considerou que o desemprego jovem “é um tema preocupante, fracturante” da sociedade portuguesa. “Os nossos melhores jovens não estão a ser aproveitados, todo aquele potencial está a ser desaproveitado. Há modelos para estudar isso, o poder político devia recorrer ao mundo académico”, salientou.

Para o presidente da Associação Académica de Coimbra, Eduardo Melo, aos jovens “não interessa entrar em guerras geracionais”, mas sim afirmarem-se como “sector da sociedade que quer ajudar a construir um país mais desenvolvido”.



### “Gerações não estão adormecidas”

Outro dos oradores no seminário, o Presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional, Francisco Madelino, disse que resolver o problema do desemprego jovem “passa por construir uma economia competitiva, que trabalhe para fora, capaz de suportar as políticas sociais quando o Estado é obrigado a conter o défice orçamental”.

Referindo-se à crise, o docente universitário Eduardo Santos considerou que “o patriotismo é necessário” e que se deve ter um discurso “mais centrado” nas soluções do que nos problemas. “A sociedade portuguesa já passou por muitas outras crises, algumas até mais graves do ponto de vista social. A catarse é um direito e um dever de cidadania, mas é preciso implementar projectos de acção”, preconizou o coordenador científico do IPCDVS.

Para o sociólogo e professor universitário Elísio Estanque, um dos oradores na iniciativa, “a juventude está no centro dos problemas e das soluções e não pode haver soluções” contra ela.

“Não podemos olhar cinicamente, moralisticamente, para estes fenómenos”, disse o investigador ao referir-se ao protesto da Geração à Rasca. Na sua óptica, “é preciso ler com profundidade estes sinais” e iniciativas como a de sábado “têm o lado positivo de mostrar que estas gerações não estão adormecidas”.



### “Uma década de atraso”

João Gaspar, investigador do IPCDVS, frisou que “a transição para a vida activa já não deve ser encarada como um acontecimento ocasional, que se esgota num acto único de escolha, mas como um processo que se desenrola ao longo da vida do indivíduo”. O mercado de trabalho e a flexibilização das leis laborais “facilitam a passagem, ao longo da vida activa, por vários períodos de emprego e de desemprego”.

Na sessão de encerramento, Carlos Silva, Presidente da UGT/Coimbra, agradeceu a todos os intervenientes e defendeu um “sindicalismo de proposição e sem partidarismos”. Destacou ainda “o reforço da UGT junto dos trabalhadores”.

O Secretário de Estado do Emprego e Formação Profissional, afirmou que, “no deve/haver das crises, a

história ensina-nos que há sempre saldo positivo”. Valter Lemos declarou ainda que “o problema do desemprego é mais qualitativo que quantitativo” e lamentou que Portugal tenha chegado “com uma década de atraso à globalização da educação”.



## FEBASE promove concurso de fotografia

O mundo dos concursos de fotografia é uma ótima forma de exercitar a sua faceta de fotógrafo, seja você um fanático por fotografia, seja um mero aficionado que tem nesta actividade um passatempo entre outros.

Agora, pode dar asas à sua imaginação e criatividade, participando no concurso “Foto FEBASE”. A iniciativa destina-se a promover e desenvolver as melhores fotografias realizadas pelos associados de todos os sindicatos que fazem parte da FEBASE. Irá decorrer durante o ano de 2011, iniciando-se em Fevereiro e terminando em Novembro.

O concurso abrange dois temas distintos: tema livre e os quatro elementos (água, ar, fogo e terra). Mensalmente serão admitidas até ao máximo de duas fotografias por concorrente e por tema, que devem ser enviadas até ao dia 20 de cada mês, para o seguinte endereço: [fotofebase.sbc@stas.pt](mailto:fotofebase.sbc@stas.pt). As fotografias para concurso deverão ser digitais e enviadas em formato JPG.

No mundo dos concursos de fotografia, o importante é participar e ter a oportunidade de mostrar a outros interessados a sua visão única da realidade e dos temas em questão, a sua técnica e a sua perícia. Mas, como é óbvio, vencer é sempre algo especial.

No concurso “Foto FEBASE” existirá um júri que decidirá sobre as fotografias vencedoras do concurso e os critérios para a eleição dos vencedores serão a qualidade, originalidade e a criatividade das fotografias apresentadas a concurso.

Material digital ou fotográfico no valor de mil euros será o primeiro prémio do concurso. O segundo classificado receberá 750 euros e o terceiro 500, também em material fotográfico e digital.

Importa saber que, aquando do envio das fotografias, deverão ser fornecidos obrigatoriamente os seguintes dados: nome e apelido do participante; sindicato ao qual pertence; número de sócio; telefone de contacto; correio electrónico; título da fotografia; e lugar e data onde foi tirada.

Para mais informações, consulte o site [www.sibace.pt/tempoLivres/regulamento/concursoFOTOFEbase2011](http://www.sibace.pt/tempoLivres/regulamento/concursoFOTOFEbase2011) ou a revista da FEBASE n.º 10, de Fevereiro de 2011. Para apoio a questões técnicas, contacte [consultorio.fotofebase@stas.pt](mailto:consultorio.fotofebase@stas.pt). Para apoio de âmbito geral dirija-se a Patrícia Caixinha, pelo telemóvel 961315626, o telefone 218802185, o fax 218802189 ou o email [patriciacaxinha@stas.pt](mailto:patriciacaxinha@stas.pt); ou a António Fonseca, pelo email [antonio.fonseca@sbsi.pt](mailto:antonio.fonseca@sbsi.pt).



# Conferência da UNI Europa Finance e Conferencia da Uni Finanças

## REGRESSO AO FUTURO



**D**ecorreu nos dias 15 e 16 de Março de 2011, no Estoril, na Escola de Hotelaria em Bicesse a Conferência da UNI Europa Finance, onde se procedeu à eleição da Comissão de mandatos, sob o lema “Retorno ao Futuro – Novos Caminhos para um Sistema Financeiro Justo”.

As condições de trabalho foram um assunto que mereceu a atenção de muitos Delegados, nomeadamente, a proliferação do trabalho temporário, a organização de novas formas de trabalho exploradoras dos trabalhadores, a externalização de muitas tarefas e os contratos a termo e a termo parcial.

Debateu-se, profundamente, a forma de organização sindical nos grandes bancos (multinacionais) que continuam a expandir-se mundo fora e cuja prática á cada vez mais precária. A UNI pretende, através da luta sindical mundial impor regras mais equitativas e conquistar mais trabalhadores para a sua organização. Enquanto prestadores de serviços, os trabalhadores foram objecto de várias intervenções de delegados, pois são aqueles que estão em contacto com os consumidores dos produtos financeiros, sugerindo-se que o aconselhamento aos consumidores deve ter regras, deve ser correctamente efectuado e nestas condições, os trabalhadores necessitam de condições de trabalho adequadas e justas. A criação de uma carta modelo e diversas iniciativas ao nível da contratação colectiva foram as alternativas apresentadas para o aconselhamento dos consumidores.

Esteve também, na ordem do dia uma proposta de regulamentação financeira a propor à EU no sentido de regular os mercados financeiros e a implementação de uma plataforma transnacional de defesa dos trabalhadores e de salvaguarda da contratação colectiva, abrangendo também os trabalhadores reformados.

As diversas intervenções dos Delegados focaram-se, essencialmente, nos temas atrás referidos, com enfoque especial sobre a criação do interesse pela acção europeia e mundial comum – uma plataforma de interesses dos trabalhadores – contra a crise mundial, para o que deverão ser mobilizados os comités de empresa transnacionais.

Outro grande enfoque das intervenções dos delegados teve a ver com a referência a um sistema financeiro





que deve ser posto ao serviço da economia real e da produtividade e não dos mercados financeiros. Foi aprovada uma Moção referente a um sistema europeu que denuncie os delitos no sector financeiro. Finalmente foi eleita a Direcção da UNI-EUROPA-FINANCE e designado o Presidente e o Vice-Presidente. Nos dias 16 e 17 decorreu também nas mesmas instalações a 3ª Conferência da UNI-FINANÇAS 2011 onde foram apresentadas, votadas e aprovadas 3 Moções, uma sobre a planificação estratégica para a Uni-Finanças Mundial, uma segunda Moção sobre as mudanças do Regulamento da UNI-Finanças e uma terceira Moção com uma emenda ao seu programa. As diversas intervenções visaram: o regresso ao futuro,

a regulação dos mercados, alteração da maneira de comunicar com os clientes, redefinição do conceito de vendas, pressão para não venda de determinados produtos especulativos e a defesa dos direitos dos trabalhadores. Houve uma chamada de atenção de vários Delegados, principalmente da América do Sul e África que referiram, fortemente, a falta de democracia nesses países, com reflexos na actividade bancária, onde os banqueiros gostam de isolar os sindicatos e os sindicalistas. Também estes Delegados denunciaram a grande exploração a que estão sujeitos estes trabalhadores referindo-se à taxa de rentabilidade desses bancos, na ordem dos 30%, em comparação com as taxas de rentabilidade europeias que se situam na ordem dos 8% de média.





Houve ainda lugar, na tarde do dia 16, para uma manifestação simbólica em frente ao Casino do Estoril, para protestar contra e denominada economia de casino. Com esta manifestação, simbolicamente promovida em frente do Casino Estoril, a organização mundial pretende denunciar e exigir o fim do sistema financeiro mundial sem regulação e sem supervisão, características que são consideradas entre as mais responsáveis pela maior crise financeira mundial desde

a Grande Depressão dos anos 30 do século passado e que originou a grande recessão económica que vivemos, arrastando consigo milhões de trabalhadores de todo o mundo para o desemprego.

Houve lugar, ainda, um Jantar-Ceia, oferecido pelos Sindicatos Portugueses no Hotel Palácio Estoril, onde estiveram presentes a abrilhantar este Jantar-Ceia o Coro do Grupo Desportivo e Cultural do Banco de Portugal e o Grupo de Fados do SBSI.



## Coimbra e Caldas da Rainha vão ter Cursos de Iniciação à Língua Espanhola

A Formação tem sido uma aposta forte da actuação desta Direcção e o seu empenhamento está bem à vista, não só na quantidade e qualidade dos cursos que têm decorrido, principalmente nos últimos dois anos, como também no investimento que o SBC tem feito quer em instalações, quer em material informático, nada descurando para que haja bom aproveitamento pedagógico e total satisfação, quer dos formandos, quer dos formadores.

Assim vai ter lugar um curso de “Língua Espanhola – Relações Laborais – Iniciação” para associados no activo e que vai decorrer de 30 de Março a 27 de Maio, em horário pós-laboral nas instalações do SBC, na Av. Fernão de Magalhães.

Idêntico Curso, também para associados no activo e também em horário pós-laboral, vai ter lugar em Caldas da Rainha e que decorrerá de 08 Abril a 03 de Junho nas instalações do nosso Sindicato naquela cidade.

Em virtude do grande entusiasmo que gerou em Coimbra este curso, estamos empenhados em fazer um segundo Curso, que a acontecer, terá lugar a 26 de Abril próximo.

Não nos espanta este entusiasmo por esta língua pois a língua espanhola tem em todo o mundo mais de 450 milhões de falantes em mais de 20 países, sendo,



por isso, a segunda língua comercial do mundo, mais utilizada, logo a seguir ao inglês.



## Biblioteca

Vamos proceder à activação da Biblioteca do Sindicato dos Bancários do Centro, sediada nas instalações da rua Lourenço de Almeida Azevedo, a partir de uma reestruturação que contemple a sua catalogação e informatização.

Para o efeito contamos com a colaboração de colegas que se disponibilizaram em levar por diante esta iniciativa, sendo nosso intuito tornar aquele espaço acessível à leitura, à escrita e à reflexão.

Gostaríamos de ter ali uma base documental capaz de servir de suporte à elaboração de trabalhos que muitos de nós desejássemos efectuar. Daí as perspectivas de se virem a estabelecer parcerias e acordos com outras instituições susceptíveis de intercâmbios dentro deste âmbito, (v. g. Biblioteca da Universidade, das Câmaras Municipais etc.).

Dentro deste espírito e porque todos nós temos em casa um livro a mais, um livro que não nos cabe na estante, um livro repetido, um livro que gostaríamos de ver preservado, lançamos o repto:



Faz-te amigo da nossa Biblioteca. Oferece-lhe um livro. Se anúires a esta iniciativa poderás fazer a sua entrega ou directamente no Sindicato ou a um Delegado Sindical, que o fará chegar ao destino – Departamento dos Tempos Livres -, sendo posteriormente a obra registada com informação da sua proveniência.



## É preciso garantir o futuro

**Aníbal Ribeiro**

***“[...] Ao longo dos anos os SAMS, têm desempenhado e continuarão a desempenhar um duplo papel, como financiador e como prestador. [...]”***

A crise instalou-se e Portugal confronta-se com medidas negativas, em que as receitas para os SAMS diminuíram e as despesas aumentaram substancialmente.

Se tivermos em conta que a previsão dos aumentos das tabelas salariais para o ano de 2011 não serão os valores que todos nós gostaríamos que fossem;

Se tivermos em conta que ao longo de vários anos a taxa de inflação para a saúde, segundo dados do INE, é sempre superior em 3 a 4 pontos percentuais à dos outros bens;

Se tivermos em conta que os SAMS são uma entidade financiada, exclusivamente, a partir da contribuição dos trabalhadores e das entidades empregadoras, relativamente às remunerações decorrentes das tabelas salariais do sector bancário;

Finalmente, se tivermos em conta o aumento brutal dos impostos, a alteração das taxas de comparticipações em complementaridade com implicações bastante desfavoráveis, nomeadamente em assistência medicamentosa e as restrições na área da saúde, facilmente se pode concluir que os tempos que se avizinham não são portadores de boas novidades no campo assistencial dos bancários, no que se refere ao seu financiamento.

Ao longo dos anos os SAMS, têm desempenhado e continuarão a desempenhar um duplo papel, como financiador e como prestador.

Como financiador, os SAMS participam em assistência medicamentosa, intervenções cirúrgicas, meios de diagnóstico, próteses, etc.

Já como prestador, é fundamental que os nossos sócios e familiares recorram aos nossos serviços, pois só assim poderemos rentabilizá-los.

Os SAMS continuarão a ser um sistema solidário, distribuindo benefícios, não impondo tectos nas despesas, não encaminhando os beneficiários para outros subsistemas quando a despesa é maior.

Finalmente quero desejar a todos os bancários e familiares a continuação de um bom ano de 2011.



# Declaração anual de despesas com a saúde referente ao ano de 2010

Já foram enviadas as declarações anuais de Despesas com a Saúde suportadas pelos beneficiários durante o ano de 2010. Consoante as despesas suportadas pelos beneficiários, foram emitidas três tipos de declarações, a saber:

## AS PREVISTAS NO Nº 2 DO ARTº 82º DO CIRIS

Contêm a parte das despesas suportadas pelos beneficiários e não reembolsadas pelos SAMS-Centro. Os valores mencionados nesta declaração, devem ser indicados na declaração anual de IRS.

Para efeitos de abatimento à colecta podem os beneficiários incluir os recibos referentes à aquisição de medicamentos, bem como todas as despesas de saúde liquidadas pelo beneficiário, e não participadas pelos SAMS-Centro, desde que devidamente comprovadas com documento legal.

## AS PREVISTAS NO ARTº 84º - ENCARGOS COM LARES

Contêm a parte das despesas suportadas pelo beneficiário e não reembolsadas pelos SAMS-Centro.

## COMPLEMENTARIDADE - BENEFICIÁRIOS TITULARES DE OUTROS SISTEMAS/ SUBSISTEMAS DE SAÚDE

Os valores mencionados na declaração emitida pelos SAMS-Centro, devem ser deduzidos aos valores declarados pelo Sistema/Subsistema, do qual o beneficiário é titular.

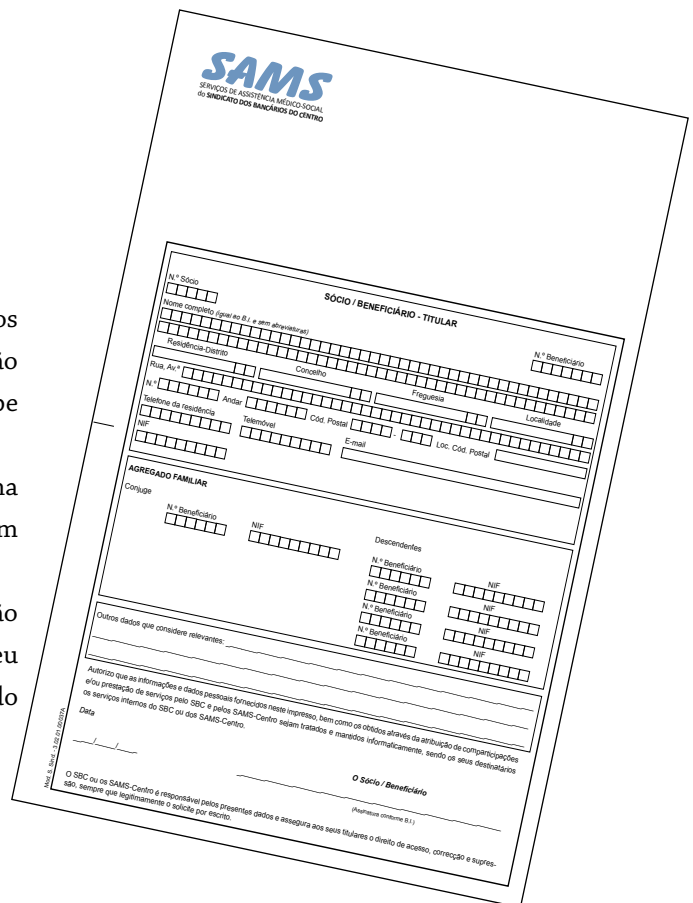
## Actualização de ficheiro de Sócios/Beneficiários

Enviámos recentemente para a residência dos beneficiários um impresso para a actualização de dados acompanhado do respectivo envelope RSE, para a sua devolução.

Como consideramos da máxima importância a recolha desses elementos, solicitamos aos colegas que colaborem no seu preenchimento e envio.

Apesar de não existir campo específico para a indicação do seu número de utente do SNS, bem como do seu agregado familiar, pode indicá-los no espaço reservado a outros dados.

Agradecemos desde já a sua colaboração.



The form is titled 'SAMS SERVIÇOS DE ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL do SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO'. It is divided into several sections:

- SÓCIO / BENEFICIÁRIO - TITULAR:** Includes fields for N.º Sócio, Nome completo (nome em B.I. e sem apelidos), Residência-Cidade, Rua, Av.º, Nº, Bairro, Freguesia, Localidade, Telefone de residência, Telemóvel, Cód. Postal, Email, and Lót. Cód. Postal.
- AGREGADO FAMILIAR:** Includes a section for 'Cônjuge' with N.º Beneficiário and NIF, and a section for 'Dependentes' with N.º Beneficiário and NIF for each.
- Outros dados que considere relevantes:** A large text area for additional information.
- Autenticação:** A section for the member/beneficiary to authorize the use of their data and confirm the accuracy of the information provided.

At the bottom, there is a signature line for 'O Sócio / Beneficiário' and a date field.

## Documentos de despesas de saúde

O Orçamento de Estado para 2011, veio introduzir alterações significativas em matéria fiscal e concretamente no que diz respeito aos documentos referentes a despesas de saúde. Essa alteração está reflectida no Artº 78º do CIRS com a inclusão do nº 6 que se transcreve:

### Artº 78º

#### Deduções à colecta

1. À colecta são efectuadas, nos termos dos artigos subsequentes, as seguintes deduções relativas:

...

b) Às despesas de saúde

...

...

- 2.

...

6. As deduções referidas nas alíneas a) a h) bem como na alínea j) do nº 1 só podem ser realizadas:

- a) Mediante a identificação fiscal dos dependentes, ascendentes, colaterais ou beneficiários a que se reportem, feita na declaração a que se refere no nº 1 do Artº57º.
- b)
- c) Mediante a identificação, em factura emitida nos termos legais, do sujeito passivo ou do membro do agregado a que se reportem, nos casos em que envolvam despesa.



Face ao exposto, aconselhamos que todos os beneficiários solicitem a colocação do número de contribuinte, nos documentos de despesa que lhes forem emitidos.

**Só assim, poderá deduzir essas despesas na declaração de rendimentos de IRS, referente ao ano de 2011.**

## Extinção do protocolo com o Ministério da Saúde

Como foi amplamente divulgado o Sindicato dos Bancários do Centro, denunciou o Protocolo que mantinha com o Ministério da Saúde, com efeitos a 1 de Janeiro de 2011.

Em informação remetida anteriormente demos conhecimento da necessidade dos beneficiários dos SAMS-Centro, não titulares de outros subsistemas de saúde e portadores do cartão de utente do SNS, no qual conste a letra **S**, para se deslocarem ao Centro de Saúde da sua área de residência a fim de procederem à sua reinscrição na qualidade de utente exclusivo do SNS.



Mais uma vez informamos os colegas que ainda não o fizeram, que devem proceder com a máxima urgência à substituição do respectivo cartão de utente.

# Contratação

## Instituições de Crédito recusam aumento salarial em 2011

**A**s respostas das várias Instituições de Crédito à proposta de revisão salarial da Febase foi de zero.

Segundo a proposta das IC's, os vencimentos para 2011 ficam nos mesmos valores dos assinados em 2010.

Os Sindicatos da Banca consideram esta posição inadmissível e não têm dúvidas que esta posição tem um efeito desmotivador nos trabalhadores bancários.

Para os Sindicatos da Banca, apesar do momento difícil que o País atravessa, o sector bancário está em condições de fazer actualizações salariais.

A confirmá-lo, estão os resultados já apresentados pelos vários Bancos, em que a grande maioria até regista lucros superiores aos verificados no ano anterior.

Para os Sindicatos, tais resultados só são possíveis graças ao empenho e dedicação dos trabalhadores.

Decorreu no passado dia 24 de Fevereiro, a primeira reunião com o Grupo Negociador das ICs sem que tenha havido qualquer evolução às posições já conhecidas.

Recorde-se, que a proposta sindical é de 2,2% de aumento salarial, porém, Grupo Negociador das ICs, mantém-se intransigente com a manutenção dos actuais vencimentos.

Face à posição das IC, os Sindicatos da Banca pediram de imediato o agendamento de nova reunião, que ficou marcada para o dia 15 de Março e que não se mostrou conclusiva.

Aguardamos que outras mesas negociais marquem uma primeira reunião. A Febase não se poupará a esforços para garantir aos seus associados o direito à negociação colectiva justa e adequada ao momento que vivemos.

---

## FEBASE avança com acções judiciais contra cortes salariais

**P**ara impugnar os cortes salariais nos bancos e institutos do sector empresarial do Estado, a FEBASE vai avançar já com acções judiciais nos tribunais do Trabalho e Administrativo. A falta de informação por parte do ministro da Finanças vai ser judicialmente impugnada. Escudada nos pareceres dos professores de Direito Júlio Gomes e Jorge Leite, a FEBASE decidiu recorrer aos tribunais e tem já definida a estratégia judicial para impugnar os cortes salariais e os congelamentos de progressão nas carreiras dos trabalhadores associados. Assim, a FEBASE em representação dos três sindicatos verticais, SBC, SBN e SBSI pretende instaurar no Tribunal do Trabalho duas acções em defesa de interesses colectivos: uma contra o BPN e BPN Créditos (intentada no Porto), e outra contra a CGD, em Lisboa.

### Inconstitucionalidade vai ser suscitada

Do mesmo modo, vai instaurar acções no Tribunal Administrativo em representação dos associados do IFAP e da CGD (de trabalhadores com vínculo do direito público), bem como dos associados das Direcções Regionais da Agricultura e Pescas (DRAP).

Estes associados manifestaram ao SBC o seu interesse em serem representados nesse tipo de acções.

Nas acções judiciais vai ser suscitada a questão de inconstitucionalidade das normas da Lei do Orçamento de Estado de 2011 relativas aos cortes salariais – incluindo os congelamentos de progressões na carreira – e que, em última instância, será colocada ao Tribunal Constitucional.

### Intimação ao ministro

Por outro lado, e face à ausência de resposta às informações pedidas em 17 de Fevereiro, a FEBASE decidiu efectuar um processo de intimação judicial contra o ministro das Finanças.

De acordo com a lei, Teixeira dos Santos deveria ter prestado as informações solicitadas num prazo de dez dias úteis.



## XXVIII - Torneio Nacional Interbancário de Ténis - Final Nacional

## Campeão Nacional

**Filipe Rebelo do BES/Caldas da Rainha sagrou-se Campeão Nacional de Seniores Masculinos. Olga Alfaiate/Millennium BCP/Batalha sagrou-se campeã nacional em seniores femininos. A dupla Filipe Rebelo/Paulo Araújo/BPN/Vimeiro sagrou-se campeã nacional em pares masculinos.**

Decorreu durante o fim-de-semana de 6 a 8 de Março de 2011, nas magníficas instalações do Estádio Universitário de Coimbra a Final Nacional do XXVIII Torneio Nacional Interbancário de Ténis de Campo, com muita adesão dos bancários, como vem sendo hábito nesta modalidade e com êxito quase total dos nossos atletas associados, no que se pode qualificar como uma jornada gloriosa para o SBC.

A recepção e o alojamento dos participantes tiveram lugar no Hotel Vila Galé, local onde se procedeu ao sorteio dos jogos.

Os jogos de apuramento realizaram-se durante o dia 06 e 07, Domingo e Segunda-Feira, tendo decorrido com todo o desportivismo e elevação, como costuma ser timbre destes torneios.

Na Terça-Feira, 08 de Março, pela manhã foram jogadas as Finais, com as seguintes classificações, no que se refere aos associados do nosso sindicato:

- Filipe Rebelo do BES-Caldas da Rainha – 1º lugar Seniores Masculinos;
- Olga Alfaiate do Millennium BCP-Batalha – 1º lugar Seniores Femininos;

- A dupla Filipe Rebelo/Paulo Araújo do BPN-Vimeiro - 1º lugar em Pares Masculinos;

O almoço e a distribuição de prémios decorreram nas instalações do Hotel Vila Galé em Coimbra, tendo-se seguido um almoço de confraternização entre atletas e responsáveis dos três sindicatos, conseguindo-se uma extraordinária jornada de confraternização entre atletas e dirigentes sindicais que ficará na memória de todos quantos participaram.



**NOTA: Informa-se que as inscrições para a viagem programada a Ciudad Rodrigo podem ser efectuadas até ao próximo dia 28 de Abril.**

## O Cruzeiro no Mediterrâneo vai realizar-se

Com cerca de 30 inscrições já recebidas o SBC, através do seu Departamento de Tempos Livres, vai realizar um Cruzeiro no Mediterrâneo, com embarque em Málaga e aportamento em Valência (Espanha), Civitavecchia e Livorno (Itália) e Ajaccio (Córsega/Itália).

A partir destes portos de mar estão previstas visitas a diversas cidades, nomeadamente a Roma, Pisa e Florença e terá lugar de 18 de a 25 de Junho.

O empenhamento do Departamento de Tempos Livres neste Cruzeiro fica a dever-se ao grande sucesso e impacto que estas viagens têm suscitado junto dos nossos associados, realizadas em anos anteriores.

Assim, quem quiser inscrever-se ainda o pode fazer até ao dia 6 de Abril.

Os preços por pessoa vão desde € 850, em camarote duplo interior até € 1.400 em camarote individual exterior. No preço está incluída uma excursão ao centro de Roma onde serão visitadas, entre outras, a Piazza di Spagna, a Fontana di Trevi, a Piazza Navona e a Basílica de São Pedro. Há outras excursões opcionais e a viagem será sempre acompanhada de uma guia.



## Conferência

### Os símbolos da República nos 75 anos do SBC

Sabia que o hino português nem sempre teve a letra igual à que conhecemos hoje em dia? Que em vez de “contra os canhões” se dizia “contra os bretões”? Ou que Bissaya Barreto, muito conotado com Salazar e com o Estado Novo foi um dos principais rostos da República em Coimbra?

Estas foram apenas algumas das curiosidades desvendadas por Amadeu Carvalho Homem durante a conferência “Ossímbolos da República”, realizada no Café Santa Cruz e inserida nas comemorações dos 75 A nos do Sindicato dos Bancários do Centro (SBC), promovida pelo Departamento dos Tempos Livres, coordenada e organizada, superiormente, pelo Dr. A. Castelo Branco, nosso associado, colaborador e responsável pelo sector cultural daquele departamento.

Segundo o historiador, o ultimato inglês de 1890, que exigia a retirada imediata das forças militares portuguesas do território compreendido entre as colónias de Moçambique e Angola, foi preponderante para a revolução republicana.

A concessão de Portugal às exigências britânicas foi vista como uma “humilhação” nacional pelos republicanos portugueses, que acusaram o governo e o rei D. Carlos I de serem os seus responsáveis, recordou Amadeu Carvalho Homem. Esta humilhação só veio dar mais força aos que queriam acabar com a monarquia e inspirou a letra do hino nacional. É que, na versão original de “A Portuguesa” era cantado “contra os bretões marchar, marchar” e não contra os canhões, como hoje se diz.

Outro dos símbolos que ficaria marcado à república é o barrete frígio. Já nos tempos que antecederam o 5 de Outubro de 1910, o barrete – ligado também à revolução francesa e aos ideais liberais – era utilizado com as cores que viriam a ser as da bandeira nacional: o vermelho cor combativa e quente, é a cor da conquista e do riso. Uma cor cantante, ardente, alegre. Lembra o sangue e incita à vitória; o verde cor da esperança e do relâmpago, significa uma mudança representativa na vida do país.



Foto Quim Santos

No entanto, a escolha das cores e da composição da Bandeira não foi pacífica, tendo dado origem a acesas polémicas e à apresentação de várias propostas, recordou o docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Os seus autores – o pintor Columbano Bordalo Pinheiro, o jornalista João Chagas, o escritor Abel Acácio de Almeida Botelho, o capitão de artilharia José Afonso Pala e o Primeiro-Tenente da Marinha António Ladislau Parreira – naturalmente inspiraram-se nas bandeiras dos centros republicanos e das sociedades secretas que tinham contribuído para o êxito da revolução.

Em Coimbra, a revolução foi “pacífica” e teve, curiosamente, em Bissaya Barreto um dos seus principais rostos. Era “um grandessíssimo republicano”, destacou Amadeu Carvalho Homem.

A sessão encerrou com uma breve intervenção do presidente da direção do SBC. Carlos Silva aproveitou a ocasião para destacar que o sindicato “não é só números” e que a cultura faz também parte do dia-a-dia da instituição.



Foto Quim Santos



Foto Quim Santos



## Religiosidade Popular: Crenças, Mitos e Rituais

A. Castelo Branco

***“(...) Também é de frente para ele [S. Mateus de Soure] que as mulheres, não levando cuecas, (...) levantavam as saias mostrando aquilo que Deus lhes havia dado e na volta davam duas palmadas no rabo com ar jocoso, (...)”***



Foto: Sandra Veloso

S. Mateus de Soure

Longe de se esgotar neste espaço o tema que aqui nos propomos tratar, uma vez que o domínio desta matéria é de imensa vastidão, procuraremos tão só, através de alguns relatos, dar a conhecer um pouco das práticas afectas à religiosidade do nosso povo e que ele vem utilizando na maior parte das vezes em busca de respostas para as suas vidas.

Ora, como tais vidas nem sempre correm como se quer, a sabedoria popular adaptou algumas máximas às suas necessidades, porque há que *estar de bem com Deus e com o Diabo*. E isto porque as múltiplas relações que os santos mantêm com ele, nomeadamente na evocação do mal, levam à prática de cultos onde este aparece ao lado daqueles.

A título de exemplo, referimos tão só, os registos do Velho Livro de São Cipriano onde é notório o culto do Diabo e cujo teor é uma amálgama de bruxaria, magia negra, astrologia e medicina popular, numa junção de receitas mistas de práticas cristãs com outras seitas. Será atendido em tudo o que vier a pedir *aquele que tiver coragem de o ler até ao fim, tarefa difícil devido à linguagem hermética e à crueldade das receitas (tirar os olhos de gatos pretos vivos, coser a boca dos sapos, engolir pó de cobra, espetar alfinetes em cadáveres...)*.

Relativamente a Santo Hilário, ele surge como o terror das raparigas que receiam morrer virgens, porque se tal vier a acontecer levam com a moca do Santo que tem o papel de as violar no outro mundo.

Era assim que estas práticas eram vistas e que ainda hoje têm caber na religiosidade popular ao lado de tantas outras.

Pagar promessas com géneros da terra roubados é prática usual por ocasião das festas e romarias em honra do Santo Amaro do Picoto ou do São Mateus de Soure, para só referir estes dois. E os devotos lá vão deixar no altar, o milho dentro de uma saca, medido com uns tamancos ou umas luvas, consoante os cravos ou as verrugas sejam nos pés ou nas mãos. Mas também lá ficam as abóboras e as cebolas, surripiadas de um qualquer quintal.

Maior especificidade tem porém o ritual que ali acontece, quando os romeiros levam consigo pulgas metidas num canudo, gafanhotos, osgas, rãs e outros pequenos animais e igualmente os depositam com toda a religiosidade no altar, frente ao santo.

Também é de frente para ele que as mulheres, não levando cuecas, ou porque ao tempo não usavam ou porque a promessa assim o contemplava, levantavam as saias mostrando aquilo que Deus lhes havia dado e na volta davam duas palmadas no rabo com ar jocoso, gesto em muito semelhante ao que levava os homens depois de cumprirem o voto, a perfilarem-se frente ao santo, batendo em seguida na barriga, enquanto se viravam de costas e levantavam a perna, expelindo gases que ecoavam com toda a ressonância pelo templo fora.

Aquela atitude das mulheres levantarem a saia de frente para São Mateus não é por si só um rito isolado mas em nosso entender terá uma mesma base de conotação com aquele outro que se pratica no decurso da festa de Nossa Senhora da Pedra, perto de Felgueiras onde existe uma pedra saída da terra em forma de falo.



Procissão de Santo António

Aqui terá aparecido uma Senhora, como diz Moisés Espírito Santo, referindo que as mulheres consideradas estéreis circulam à sua volta e tocam-lhe *mas sem malícia*.

E é assim que no decurso das festividades de Nossa Senhora da Pedra Maria, **as raparigas sentam-se nos degraus da igreja e dão espectáculo, mostram as partes (...)**.

Quer aquele primeiro relato, quer este outro e comungando aqui da opinião daquele investigador, estes ritos acabam por ser formas de paganismo que caem nas variantes da prostituição sagrada com vista à procriação.

Quando nesta matéria nos debruçamos sobre as origens das coisas ou mais concretamente sobre as causas de certos fenómenos, encontramos nas pedras e nos rochedos as explicações para todo um conjunto de mitos e ritos ligados aos antepassados que a mente pródiga de cada um vai alimentando através de gerações.

Em muitas aldeias do Norte, segundo a recolha do autor da Religião Popular Portuguesa, de entre as grandes pedras a que ele faz referência, existem mesmo *penedos de casamento*, que os jovens consultam para saber se

virão a casar ou não, mas também refere os *Penedos das Virgens*, destinado à passagem só de raparigas virgens e o ***Penedo dos Cornudos, que informa os maridos sobre o comportamento das suas mulheres.***

Aquando da morte, encontramos nas cerimónias e nos rituais que envolvem o defunto, todo um conjunto de cenas e de práticas que não nos deixam dúvidas quanto à sua origem no tocante ao mundo das crenças.

Gritos, choros e todo um desenrolar da vida de quem já está no caixão era frequente a partir das mulheres da casa e mais concretamente da viúva, que chegava a evocar publicamente algumas das suas intimidades: (...). *Ainda ontem, já tão malzinho e meio a refofagar, querias, querias, mas já não te astreveste. (...) ...era a morte que te espreitava, amiguinho. (...), porque tu nessas coisas nunca ficaste em pouco.*

Tudo isto tem a ver um pouco com o velho adágio que diz não haver boda sem lágrimas nem enterro sem risos.

*Bibliografia: Espírito Santo, Moisés, A Religião Popular Portuguesa. Idem, Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa. Revista de Guimarães. Apócrifo, G. L. de S. Cipriano. A. Castelo Branco; Os Lazarinhos da Gândara.*





## D. Afonso Henriques nasceu em Viseu em Agosto de 1109!

**Agostinho Torres de Almeida**

**“[...]Por quê Viseu, sendo Coimbra um meio mais desenvolvido e referenciado? A resposta é inequívoca: um pouco mais abaixo da cidade do choupal ainda se encontravam os mouros com o óbvio perigo de se deslocarem para norte em incursões não previsíveis. [...]”**

Quando uma credenciada Instituição, de Guimarães, encomendou um estudo, sobre D. Afonso Henriques, o primeiro Rei de Portugal, ao historiador A. Almeida Fernandes, natural de Britiande, concelho de Lamego, não contava, certamente, com uma surpresa de tomo, devidamente sustentada: D. Afonso Henriques, afinal, havia nascido em Viseu, em 1109!

Ao longo dos séculos, sempre Guimarães foi considerada o berço do primeiro monarca, para além de o ser da nacionalidade, facto incontroverso.

Mas não. O historiador lamecense defende, com um extenso estudo e referência de factos verosímeis que vou procurar apresentar, viajando no tempo, para melhor se entender a tese em causa.

Viseu, já considerada como berço de Viriato, o *genial pastor* dos Montes Hermínios, acrescenta, aos seus mais nobres filhos, D. Afonso Henriques.

Almeida Fernandes parte de dois pressupostos: um, o tempo de Verão de 1109; outro, neste mesmo ano, a residência, documentada, de D. Teresa em Viseu.

Porquê Viseu? A cidade era ponto de passagem, possuía, nomeadamente, as suas vias romanas e estruturas próprias.

O Conde D. Henrique e D. Teresa tinham, nos seus propósitos chegar a Toledo, via Viseu, a tempo de encontrar vivo o pai de D. Teresa (Afonso VI), há muito em prolongada agonia

O marido de Teresa pretendia que a mulher lhe sucedesse no trono, em prejuízo da irmã Urraca, uma vez que não havia herdeiro masculino.

Afonso VI faleceu e sucedeu-lhe o filho de Urraca, a nova rainha designada pelo pai.

Entretanto, em Viseu, D. Teresa sentiu eminente o



nascimento do herdeiro, um desenlace que poderia acontecer de um momento para o outro. Seria muito arriscado prosseguir a viagem. Por isso, seu marido continuou a viagem para Toledo, ao encontro de seu sogro, com o objectivo já exposto. D. Teresa ficou no Paço, em Viseu.

Porquê Viseu, sendo Coimbra um meio mais desenvolvido e referenciado? A resposta é inequívoca: um pouco mais abaixo da cidade do choupal ainda se encontravam os mouros com o óbvio perigo de se *deslocarem* para norte em incursões não previsíveis.

Viseu, oferecia por isso, garantias de segurança, *tendo em conta a residência documentada de D. Teresa em Viseu*, como defende A. Almeida Fernandes.

Assim, Afonso Henriques nasceu em Viseu, em Agosto de 1109, conforme tese do historiador.

Aliás, Almeida Fernandes, em conferência realizada em 29 de Novembro de 1991, promovida pela Câmara Municipal de Viseu e pela Sociedade Histórica para a Independência de Portugal, integrada nas comemorações do 1.º de Dezembro de 1960, afirmou:

*Viseu, com efeito, está de todo inocente numa reclamação histórica deste género, porque sou o primeiro e, por isso,*

*ainda o único que lhe propõe este facto, razão para seu orgulho: pátria do Fundador da Nacionalidade, como é do rei D. Duarte.*

O autor considerou que Viseu pode orgulhar-se de tal facto, ao invés de Guimarães e Coimbra, *que se arrogaram do mesmo*, mas sem argumentação que o sustente. Guimarães *amou com a solução Viseu*, enquanto Coimbra *mantém uma indiferença olímpica*.

É interessante aduzir a seguinte referência histórica que justifica, segundo Almeida Fernandes, o facto de D. Teresa ter escolhido Viseu para sua *residência temporária*:

*Viseu como residência soberana é, de facto, muito anterior a D. Teresa: temo-la no século X com os futuros reis de Leão Ordonho II e Ramiro II, para os quais se havia criado, neste noroeste cristão peninsular, um reino próprio súbdito do leonês. Por que não estabeleceram eles a sua capital em Braga, no núcleo do Porto actual (Portugal “civitas”) que havia sido a dos reis suevos (e não Braga) ou em Coimbra? Temos pois de ver aí as mesmas razões porque D. Teresa veio, inegavelmente, residir em Viseu; mas encaremos ao contrário, isto é, atendendo a essas razões, passemos a deduzir delas a residência de D. Teresa, no Paço da cidadela, o qual havia sido daqueles reis, Ordonho e seu filho Ramiro.*

Esta *construção histórica* do autor refere que a predilecção por Viseu é evidente, porque nenhuma região se lhe aproxima em diversos actos feitos por D. Teresa e seu marido, traduzidos em cartas de foral (como o de Zurara – Mangualde) e doações de terras que tornaram os beneficiários em *verdadeiros portentados agrícolas*.

Há muitas circunstâncias coincidentes que levam a concluir a investigação de A. Almeida Fernandes: *a ocasião do nascimento, Verão de 1109, e a residência da mãe nessa altura, deduzida já em Viseu indirectamente.*

Historiadores houve que *tentaram* contrariar o resultado da investigação de A. Almeida Fernandes, que assumiu, com verdade e coragem, mas as suas argumentações pecaram por inconsistentes.

Aliás o historiador não se coíbe, face ao que concluiu, de considerar essa *certeza* como um *certificado* do que em *matéria histórica* possa considerar-se indubitável.

Independentemente desta asserção, Almeida Fernandes vai mais longe nas suas conclusões, referindo, por exemplo, que sabida em Coimbra a presença do Arcebispo de Toledo em Viseu, onde D. Teresa aguardaria o regresso de D. Henrique (proveniente de Toledo), o Bispo eleito de Coimbra e o Prior da Sé, deslocaram-se a Viseu (mais uma prova residencial) onde receberam uma avultada dádiva, a doação do mosteiro de Lorvão, quiçá, com o objectivo *de obter a protecção divina para a expedição que D. Henrique iria fazer a Sintra*. A cerimónia formal realizou-se em Coimbra. D. Teresa fez-se representar por viseenses (eram seus feudatários) entre os quais se destacavam o Prior da Igreja da cidade e um presbítero notável, mais tarde, S. Teotónio.

Uma prova, inequívoca, da permanência de D. Teresa em Viseu.

Esta conferência, que teve documento editado pelo Município Viseense, provocou alguma controvérsia, mas ninguém ousou contestar, objectiva e fundamentadamente, esta sólida tese.

Limitei-me a apresentar as razões evidentes, defendidas pelo historiador, sem grandes divagações, porventura despiciendas, num artigo que pretende apenas dar a conhecer um facto histórico, devidamente atestado, que honra Viseu e a Região, contrariando tradições, lendas, factos que passaram através de gerações, *moldados*, algumas vezes, por interesses e conveniências de localidades ou regiões.

É um argumento inquestionável, justificativo da residência de D. Teresa em Viseu, por ocasião do nascimento de seu filho, o facto de altos dignatários da Igreja conimbricense se terem deslocado à cidade viseense onde obtiveram a doação, depois confirmada em Coimbra, do Mosteiro do Lorvão, a que, oportunamente, fiz referência.

A História tem outros *envolvimentos*, sobretudo de pessoas, mas os que referi são suficientes para afirmar, sem receio de dúvidas, que:

**“D. Afonso Henriques nasceu em Viseu, em Agosto de 1109”**





## Sonhando

Álvaro Ribeiro

Sentado na penedia,  
Junto à praia,  
Recreei o meu olhar.  
Olhava o mar,  
O céu sem fim,  
As águas revoltas no Oceano azul.  
Ao longe,  
Numa distância difícil de abarcar,  
O Sol morria em clarões  
Iluminando o mar.  
A noite sobre mim se debruçou...  
Ondas quebradas,  
Vencidas,  
Vinham beijar  
As penedias batidas pelo luar.  
E assim continuava o marulhar  
Desse mar revolto,  
Sem parar.

Ouvia o mar, na noite escura,  
Açoitado pelo vento,  
Como num lamento,  
Toda a sua dor e tortura  
Me contava a chorar.  
Queria ir-me embora,  
Mas vencido,  
Contemplando urna gruta aberta  
Num rochedo quase submergido,  
Para ali fiquei  
Nessa praia deserta,  
Por quanto tempo não sei.  
Deixei pender a cabeça  
E sonhei...  
Sonhei que vogava,  
Eu e tu no mar da fantasia,  
Tu ias ao leme  
E eu remava,

Remava sempre,  
Cada vez mais para o largo  
Desse mar que quase nos engolia.  
A noite pôs-te embriagada, louca  
E eu deixara a nosso barco bailar  
No mar das ilusões  
Para beijar a tua boca,  
Para sentir unidos os nossos  
corações  
Lá continuámos vogando,  
Em busca de algum porto  
Para nos abrigar...  
Surgia no horizonte, do Sol,  
A claridade  
Fui chamado à realidade,  
Por fim  
E por que não te vi junto a mim,  
Rompi a soluçar





**Artigo 05 - Centenário da Implantação da República (1910-2010)**  
**Numária: O Papel-moeda 1910 – 2010**

## Cinco Escudos

**Luís Manuel Tudella**

l.m.tudella@sapo.pt

A efígie de Alexandre Herculano de Carvalho Araújo, vulgo Alexandre Herculano, é a escolhida para a primeira nota emitida na nova unidade monetária, no valor de cinco escudos, fazendo-se jus a uma personagem ímpar das letras do século XIX. As chapas utilizadas nestas notas foram gravadas pela Casa Bradbury, Wilkinson & C<sup>o</sup>. Ltd., de Londres, assim como a sua estampagem, com exceção do retrato de Alexandre Herculano na face A, e da vinheta do verso com a Torre de Belém, que foram da autoria do gravador Armando Pedrosa. Dimensões 146 x 95 mm. Foram emitidas 21 740 000 notas com as datas de 29-07-1913, 30-10-1914, 31-10-1916, 26-03-1918, 27-06-1919, 25-06-1920 e 01-02-1923. Primeira emissão foi em 10-04-1914 e a última em 22-08-1928. Retirada de circulação em 07-04-1931.

Alexandre Herculano nasceu na cidade de Lisboa, em 28-03-1810, e veio a falecer em Santarém a 13-09-1877, oriundo de uma família modesta. A sua infância e adolescência são profundamente marcadas pelos dramáticos acontecimentos da época: as invasões francesas, o domínio inglês, e de certo modo com os ideais liberais oriundos de França que nos conduziram à Revolução de 1820. Foi político, escritor, romancista, poeta, e um eminente historiador. Desde tenra idade até atingir os 15 anos de idade, frequentou o Colégio dos Padres Oratorianos de S. Filipe Nery, onde recebeu formação iminentemente clássica, com uns laivos aos novos ideais científicos. Problemas familiares com o falecimento do pai, impediram-no de continuar os estudos superiores, ficando no entanto disponível para se debruçar na sua formação literária, estudando afincadamente as línguas, inglesa, francesa, italiana e alemã, as quais foram decisivas para a elaboração da sua grande obra literária. Em 21-08-1831, participa na revolta do Regimento n.º 4, de Infantaria de Lisboa, contra o governo ditatorial de D. Miguel, o qual fracassou, vindo a refugiar-se num navio francês atracado no rio Tejo, passando para Inglaterra e depois para França, indo juntar-se ao exército liberal de D. Pedro IV, no arquipélago dos Açores. Em 08-07-1832, fez parte da expedição comandada por D. Pedro IV; alistado como soldado do Regimento Voluntário da Rainha, conjuntamente com Almeida Garrett, é um dos 7.500 bravos do Mindelo, que desembarcaram perto desta localidade a fim de cercar a cidade do Porto. Pelo seu desempenho como notável soldado, foi designado por D. Pedro IV bibliotecário da Biblioteca do Porto. Em 1842 retomando o papel de redactor principal publica o livro

“Eurico o Presbítero”, considerada uma das maiores obras do Romance Histórico do século XIX. No ano de 1846, edita o primeiro volume da História de Portugal. Esta obra não deixou de criar enorme polémica, especialmente nos conservadores mais acérrimos, encabeçados pelo clero, que, por entre outras coisas, não ter admitido como verdade histórica o célebre “Milagre de Ourique”, acabando por vir a terreiro na defesa da verdade científica da sua obra, desferindo muitos ataques e golpes sobre o clero, exprimidos nos opúsculos “Eu e o Clero e Solemnia Verba”. No ano de 1852, pelo prestígio enorme que a “História de Portugal” lhe granjeia, é nomeado sócio da Academia de Ciências de Lisboa, encarregando-o da recolha de documentação valiosa espalha por todo o país, durante os anos de 1853-1854. Foi deputado às Cortes e preceptor do futuro rei D. Pedro V. Recusou honrarias e condecorações. Casa em 1857 com D. Mariana Meira, retirando-se para a sua quinta em Vale de Lobos, onde aí se dedica à agricultura e a uma vida de recolhimento espiritual.





SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO CENTRO  
MESA DA ASSEMBLEIA GERAL E CONSELHO GERAL

## ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

### CONVOCATÓRIA

Nos termos estatutários convoco a Assembleia Geral Eleitoral do Sindicato dos Bancários do Centro, a realizar descentralizadamente nos locais de trabalho, na Sede do Sindicato e nas Delegações Regionais (Guarda, Leiria e Viseu), das 08h30 às 17h30 do dia 14 de Abril de 2011, com a seguinte

#### ORDEM DE TRABALHOS

**Ponto Único – Eleição da Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Geral, a Direcção, o Conselho Fiscalizador de Contas e o Conselho Disciplinar (alínea a) do artigo 30º), para o quadriénio de 2011/2015.**

Coimbra, 10 de Fevereiro de 2011

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral  
e do Conselho Geral

(Mário Duarte Mendes Figueira)